

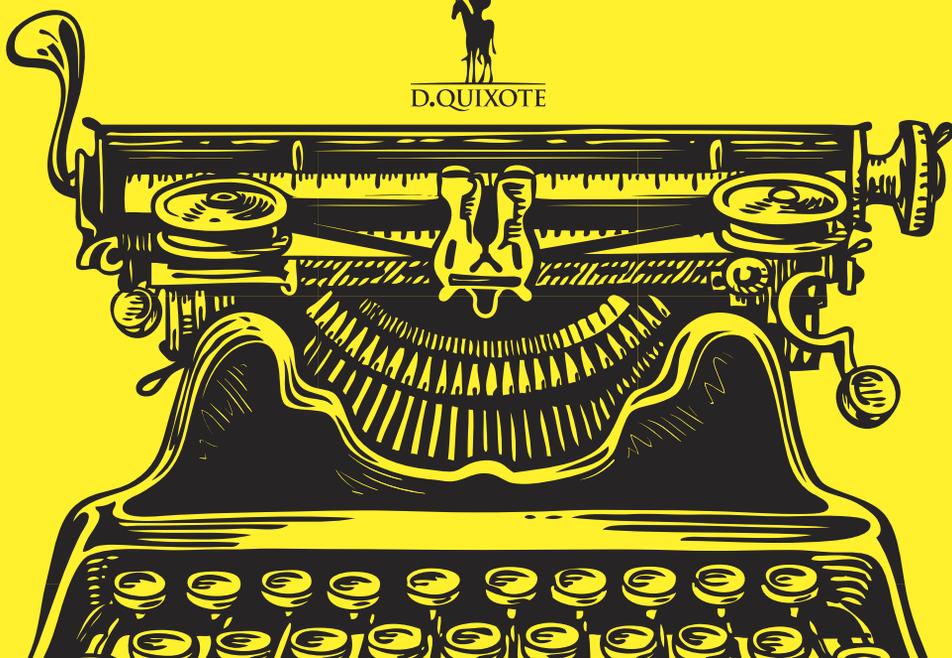
# PHILIP

O ESCRITOR FANTASMA

# ROTH



D. QUIXOTE







## MAESTRO

Era a última hora de luz de uma tarde de dezembro, há mais de vinte anos – eu tinha vinte e três anos, estava a escrever e a publicar os meus primeiros contos e, tal como tantos heróis do *Bildungsroman* antes de mim, já pensava no meu próprio e volumoso *Bildungsroman* – quando cheguei ao refúgio do grande homem que ia visitar. A casa rústica de madeira ficava ao fundo de um caminho de terra batida, nos Berkshires, a uma altitude de trezentos e sessenta metros, mas a figura que emergiu do escritório para me receber com um cumprimento cerimonioso vestia um fato de gabardina, gravata azul de malha presa a uma camisa branca por uma singela mola de prata e um par de sapatos pretos formais e bem engraxados que me levaram a imaginá-lo a descer de uma cadeira de engraxador e não do altar-mor da arte. Antes que encontrasse a serenidade necessária para reparar no ângulo impositivo e autocrático em que mantinha o queixo, ou no cuidado impecável, meticuloso, um pouco excessivo, com que ajustava a roupa antes de se sentar – em

suma, antes de reparar noutra coisa que não fosse o milagre de ter feito o percurso desde as minhas origens iliterárias até ali, até ele – a impressão que tive foi a de que E. I. Lonoff mais parecia o diretor escolar da zona do que o mais original contador de histórias da região desde Melville e Hawthorne.

Não que os mexericos de Nova Iorque a respeito dele me tivessem induzido a uma expectativa mais grandiosa. Quando, recentemente, havia mencionado o nome dele perante o júri da minha primeira festa de lançamento em Manhattan – chegara, nervoso como uma aspirante a estrela de cinema, pelo braço de um velho editor – Lonoff tinha sido quase imediatamente descartado pelas sumidades de serviço como se fosse cómico que um judeu da sua geração, ainda por cima filho de imigrantes, se tivesse casado com a herdeira de uma família antiga da Nova Inglaterra e vivesse havia tantos anos «no campo» – isto é, nos ermos *goyish*, povoados de pássaros e árvores, onde a América começou e há muito tinha acabado. Todavia, como os sabichões também tinham achado vagamente ridículos todos os outros escritores de renome que mencionei na festa, encarara com ceticismo a forma satírica como haviam descrito o famoso eremita rural. Aliás, do que vi naquela festa, até comecei a compreender por que razão procurar refúgio na montanha a trezentos e sessenta metros de altitude, tendo apenas os pássaros e as árvores por companhia, talvez não fosse má ideia para um escritor, judeu ou não.

A sala de estar a que me conduziu era aseada, acolhedora e simples: uma grande carpete redonda bordada,

algumas poltronas protegidas com capas, um sofá coçado, uma comprida parede de livros, um piano, uma grafonola, uma mesa de biblioteca de carvalho coberta de pilhas bem arrumadas de jornais e revistas. Dos rodapés brancos para cima, as paredes amarelo-pálido eram nuas, tirando meia dúzia de aguarelas de amador representando a velha casa rústica em diferentes estações do ano. Do lado de fora dos bancos de janela almofadados e das cortinas de algodão cru simetricamente presas aos lados viam-se os ramos despídos de grandes plátanos escuros e campos de neve fustigados pelo vento. Pureza. Serenidade. Simplicidade. Reclusão. Toda a concentração, exuberância e originalidade de uma pessoa reservadas para a vocação transcendente, extenuante, sublime. Olhei em volta e pensei: é assim que quero viver.

Depois de me encaminhar para uma das duas poltronas ao pé da lareira, Lonoff afastou o guarda-fogo e espreitou para ver se o registo estava aberto. Com um fósforo de madeira acendeu a lenha que tudo indicava ter sido ali posta a pensar no nosso encontro. E voltou a pôr o guarda-fogo no sítio, com tanta precisão como se houvesse uma calha no chão da lareira. Seguro de que as achas tinham pegado – satisfeito por ter conseguido acender uma fogueira sem pôr em risco a casa de duzentos anos ou os seus moradores –, estava finalmente pronto para me dar atenção. Com umas mãos que eram quase femininas na destreza e delicadeza dos seus movimentos, puxou os vincos das calças e sentou-se. Mexia-se com uma agilidade notável para um homem com a sua corpulência.

«Como prefere ser tratado?», perguntou Emanuel Isidore Lonoff. «Por Nathan, Nate ou Nat? Ou tem uma preferência completamente diferente?» Os seus amigos e conhecidos tratavam-no por Manny, informou-me, e eu devia fazer o mesmo. «Assim, a conversa fica mais fácil.»

Duvidei, mas sorri para dar a entender que obedeceria, por muito perplexo que a proposta me deixasse. Então o mestre desconcertou-me ainda mais ao pedir-me que lhe contasse um pouco da minha vida. Escusado será dizer que em 1956 não havia muito a contar sobre a minha vida – muito menos, no meu entender, a alguém tão conhecedor e perspicaz. Havia sido criado por pais extremosos num bairro de Newark que não era rico nem pobre; tinha um irmão mais novo que, ao que se dizia, me idolatrava; numa boa escola secundária local e numa excelente faculdade tinha-me comportado como gerações de antepassados haviam esperado de mim; a seguir tinha cumprido o serviço militar no exército, a uma escassa hora de casa, a redigir comunicados de imprensa para um major de Fort Dix, isto enquanto o massacre para o qual a minha carcaça tinha sido mobilizada chegava ao seu fim sangrento na Coreia. Desde a passagem à disponibilidade, vivia e escrevia num apartamento de quinto andar sem elevador perto da parte baixa da Broadway, caracterizado pela minha namorada, que veio partilhá-lo comigo e dar-lhe um pouco de ordem, como a morada de um monge lascivo.

Para me sustentar, três dias por semana atravessava o rio em direção a Nova Jérсия para trabalhar numa profissão que exercia intermitentemente desde o primeiro verão

na faculdade, quando tinha respondido a um anúncio que prometia grandes comissões a vendedores agressivos. Às oito da manhã, a nossa equipa era levada de automóvel até uma localidade industrial de Nova Jérсия para vender porta a porta assinaturas de revistas, e às seis éramos recolhidos à porta de um bar previamente combinado e levados de volta ao centro de Newark pelo chefe de equipa, McElroy. Era um bebedor todo pinoca, de bigode fininho, que nunca se cansava de nos prevenir – dois rapazes idealistas que estavam a fazer economias para pagar os estudos e três velhotes mandriões, homens pálidos, balofos, vítimas de todos os infortúnios imagináveis – de que não nos metêssemos com as donas de casa que encontrássemos sozinhas em casa, de rolos no cabelo: arriscávamo-nos a ficar com o pescoço partido às mãos de um marido enfurecido, a ser vítimas de terríveis chantagens, a apanhar uma de cinquenta variedades de gonorreia, e o que mais importante de tudo era que as horas do dia não eram elásticas. «Ou fodem», avisava-nos friamente, «ou vendem a *Silver Screen*. Têm de escolher.» Nós, os dois universitários, chamávamos-lhe «Moisés de Mamona». Como nunca houve nenhuma dona de casa que desse sinais de me convidar a passar do vestíbulo de entrada, nem que fosse para descansar os pés – e estava atento a qualquer vislumbre de lascívia em qualquer mulher, de qualquer idade, que me parecesse ainda que renitentemente disposta a ouvir-me com a porta mosquiteira de permeio – optei necessariamente pela perfeição no trabalho e não na vida, e ao fim de cada longo dia de esforços persuasivos tinha entre dez e vinte dólares de comissões a receber e continuava com

um futuro impoluto à minha frente. Tinha sido uma questão de poucas semanas até deixar esta vida sem mérito – e a namorada com quem vivera no quinto andar sem elevador, que já não amava – e, com a ajuda do distinto editor de Nova Iorque, ser aceite para passar os meses de inverno como comungante na Quahsay Colony, o retiro rural de artistas que ficava no outro lado da linha de fronteira entre estados, em frente da encosta onde Lonoff vivia.

De Quahsay havia enviado a Lonoff as revistas literárias trimestrais em que tinham saído os meus contos – quatro até então – acompanhadas de uma carta em que lhe dizia quanto ele tinha sido importante para mim quando descobrira a sua obra «uns anos antes», na faculdade. Na carta referia também a descoberta dos seus «confrades» Tchekov e Gogol, e prosseguia revelando de outras formas insofismáveis a seriedade da minha dedicação à literatura – e, a par disto, a minha juventude. Mas nunca até então tinha escrito nada que me fizesse suar tanto como aquela carta. Tudo o que era indiscutivelmente verdadeiro me parecia transparentemente falso no momento em que o escrevia, e, quanto maior o esforço para ser sincero, pior era. Acabei por lhe enviar a décima versão e depois ainda tentei enfiar o braço pela goela do marco do correio para a arrancar de lá.

Não me estava a sair nada melhor com a minha autobiografia na sala de estar simples e acolhedora. Como não era capaz de proferir sequer a mais inofensiva obscenidade diante do lintel antigo da lareira de Lonoff, a minha imitação do Sr. McElroy – muito apreciada pelos meus amigos – não teve de facto muito que se recomendasse. E também não

me sentia à vontade para falar das coisas contra as quais o Sr. McElroy nos prevenira, e muito menos para confessar quão tentado estivera a ceder, se a oportunidade me houvesse surgido. Quem ouvisse a minha versão censurada daquilo que já de si era uma história de vida sem grande interesse iria pensar que, em vez de ter recebido uma carta, calorosa e convidativa, do famoso escritor a convidar-me para passar um serão agradável na sua casa, havia feito a viagem para defender uma causa da maior importância perante o mais severo dos inquisidores, e que me bastaria dar um passo em falso para perder para sempre algo que para mim tinha um valor incalculável.

O que era mais ou menos verdade, mesmo que na altura ainda não compreendesse totalmente até que ponto estava desejoso de ser reconhecido por ele, nem porquê. Em vez de ficar perplexo com a timidez e ansiedade do meu comportamento – nada consentâneas com a confiança que sentia naquela altura – devia ter ficado surpreendido por descobrir que não estava prostrado no chão da tapete bordada, suplicante, aos pés dele. Porque, como compreenderão, estava ali para me propor como candidato a ser nada menos do que o filho espiritual de E. I. Lonoff, pedir o seu patrocínio moral e conquistar, se possível, a proteção mágica do seu apoio e do seu amor. É claro que já tinha um pai que me amava, a quem podia pedir este mundo e o outro em qualquer dia da semana, mas o meu pai era podólogo e não artista, e nos últimos tempos vínhamos tendo problemas graves na família por causa de um novo conto meu. O meu pai tinha ficado tão desorientado com o que eu havia escrito

que tinha corrido para o *seu* mentor moral, um certo juiz Leopold Wapter, para lhe pedir que chamasse o filho à razão. O resultado foi que, depois de duas décadas de diálogo amigável mais ou menos ininterrupto, agora havia quase cinco semanas que não nos falávamos, e eu estava longe de casa em busca da validação patriarcal de outra pessoa.

E não apenas de um pai que era artista em vez de podólogo, mas do asceta mais famoso da América, esse gigante da paciência, da força de vontade e do altruísmo que, nos vinte e cinco anos que decorreram entre o primeiro livro e o sexto (pelo qual lhe foi atribuído um National Book Award que tranquilamente se recusou a receber), não teve leitores nem reconhecimento, e era invariavelmente rotulado, se e quando o seu nome era simplesmente mencionado, como um resquício exótico do gueto do Velho Mundo, um folclorista ultrapassado que ignorava pateticamente as grandes correntes da literatura e da sociedade. Quase ninguém sabia quem ele era ou onde vivia, e durante um quarto de século quase ninguém quis saber. Mesmo entre os seus leitores havia quem achasse que as fantasias de E. I. Lonoff sobre os americanos tinham sido escritas em iídiche algures no interior da Rússia czarista antes de, supostamente, lá ter morrido (o que, de facto, quase havia acontecido ao pai) de ferimentos sofridos num *pogrom*. Para mim, o mais admirável era não só a tenacidade que o levava a continuar a escrever o mesmo tipo de histórias durante todo esse tempo, mas também que, uma vez «descoberto» e popularizado, recusasse todos os galardões e graus académicos, declinasse os convites para pertencer a todas as instituições honorárias,

não concedesse entrevistas públicas e optasse por não se deixar fotografar, como se associar a sua cara à sua ficção fosse uma irrelevância ridícula.

A única fotografia que os seus leitores alguma vez tinham visto era o esbatido retrato a sépia que tinha sido publicado em 1927 na badana de uma sobrecapa de *It's Your Funeral*: o artista jovem e bonito, de líricos olhos amendoados, negra trunfa de conquistador e lábio inferior expressivo, que dava vontade de beijar. Agora estava tão diferente, não apenas por força do duplo queixo, da barriga e do crânio calvo de rebordo branco, mas como tipo humano em sentido geral, que pensei (quando comecei a conseguir pensar) que na origem da metamorfose tinha de estar algo mais impiedoso do que o tempo: certamente o próprio Lonoff. Tirando as sobrancelhas fartas e lustrosas e a vaga inflexão ascendente do queixo determinado, já não havia de facto absolutamente nada que, aos cinquenta e seis anos, o identificasse com a fotografia do Valentino tímido, apaixonado e desesperado que, na década em que pontificavam os jovens Hemingway e Fitzgerald, havia escrito uma série de contos sobre judeus errantes que eram diferentes de tudo quanto até então havia sido escrito por outro judeu cuja errância tivesse chegado à América.

De facto, a minha primeira leitura do cânone de Lonoff – na minha qualidade de ateu universitário ortodoxo e intelectual aprendiz – tinha contribuído mais para me fazer compreender até que ponto continuava a ser o filho judeu dos meus pais do que tudo quanto havia levado para a Universidade de Chicago das aulas de hebraico da minha

infância, da cozinha da minha mãe ou das conversas que costumava ouvir entre os meus pais e os nossos parentes sobre os perigos dos casamentos mistos, o problema do Pai Natal e a injustiça das quotas de entrada na faculdade de medicina (quotas essas que, como cedo compreendi, eram responsáveis pela carreira do meu pai na quiropodia e pelo apoio fervoroso que desde sempre dava à Liga Antidifamação da B'nai B'rith). Nos meus tempos de escola primária já era capaz de debater estas questões intrincadas com quem quer que fosse (e debatia-as, quando era necessário); todavia, quando parti para Chicago, a minha paixão já se tinha praticamente esgotado e estava pronto, tanto quanto um adolescente podia estar, para me atirar de cabeça à cadeira de Introdução às Humanidades, de Robert Hutchins. Mas depois, juntamente com dezenas de milhares de outros, descobri E. I. Lonoff, cuja ficção me parecia uma resposta ao mesmo fardo de exclusão e isolamento que continuava a pesar sobre as vidas daqueles que me haviam criado, e que havia alimentado a incansável obsessão da nossa família com a condição dos judeus. O orgulho que inspirou nos meus pais a fundação, em 1948, de uma pátria na Palestina que iria reunir a judiaria europeia que havia escapado ao extermínio não era, na verdade, muito diferente daquele que senti crescer dentro de mim quando, pela primeira vez, tomei contacto com as almas amarfanhadas, reservadas, aprisionadas, de Lonoff, e compreendi que era possível pegar em todas as coisas humilhantes que o meu pai lutador e angustiado tinha enfrentado para nos resgatar a todos e com elas conceber, desassombradamente, uma literatura

tão cáustica e lancinante como aquela. Para mim, foi como se os ataques de alucinação de Gogol tivessem sido filtrados através do ceticismo humanista de Tchekov para alimentar o primeiro escritor «russo» do país. Ou pelo menos foi isso que defendi no trabalho da faculdade em que «analisava» o estilo de Lonoff, mas guardava para mim uma explicação para o facto de os seus contos terem feito renascer em mim sentimentos de afinidade com o nosso clã fortemente americanizado, a começar pelos pobres comerciantes imigrados, que tinham feito uma vida de *shtetl* a dez minutos de distância das fachadas de colunas dos bancos e das gárgulas das catedrais de seguros do centro de Newark; e, mais importante ainda, sentimentos de afinidade com os nossos antepassados devotos e desconhecidos, cujas atribulações na Galícia me tinham sido apenas um pouco menos alheias, enquanto crescia em segurança em Nova Jérсия, do que as de Abraão na Terra de Canaã. Com a sua queda vaudeviliiana para a lenda e a paisagem (um Chaplin, dizia eu de Lonoff na minha dissertação de fim de curso, a quem bastava um simples adereço para dar vida a uma sociedade inteira e à perspectiva de vida dessa sociedade); com o seu inglês «traduzido» para dar um sabor suavemente irónico a todas as expressões, mesmo as mais comuns; com a sua ressonância críptica, contida e onírica, a sensação que tão pequenos contos transmitiam de que diziam muito – bem, proclamara eu, quem, na literatura americana, se comparava com ele?

O herói típico de um conto de Lonoff – o herói que viria a ser tão importante para os intelectuais americanos dos anos cinquenta, o herói que, uns dez anos depois de Hitler,

parecia dizer aos gentios algo de novo e contundente sobre os judeus, e aos judeus sobre eles próprios, e em geral aos leitores e escritores daquela década de renovação sobre as ambiguidades da prudência e as angústias da desordem, sobre a fome de vida, as barganhas a que a vida obriga e o terror de viver nas suas manifestações mais elementares – o herói de Lonoff é, as mais das vezes, um zé-ninguém de nenhures, longe de uma família que não sente a sua falta, mas à qual, mesmo assim, tem de regressar sem demora. A sua célebre mistura de compaixão e crueldade (monumentalizada pela *Time* como «Lonoviana» – depois de décadas em que o ignorou por completo) em nenhuma outra obra sua é mais desconcertante do que nos contos em que o marginalizado, na sua perplexidade, se esforça por entrar no jogo, para afinal descobrir que a sua meticulosa ponderação o levou a esperar um pouco em demasia para ser útil a alguém, ou que, ao agir com uma ousadia e uma impetuosidade que não se coadunavam com a sua maneira de ser, se enganou redondamente quanto àquilo que de algum modo o havia seduzido a sair da sua existência previsível, com a consequência de tudo ter ficado pior.

Os contos mais sombrios, divertidos e inquietantes de todos, aqueles em que me parece que o impiedoso autor vacila no limite da autoempalação, foram escritos no breve período da sua glória literária (porque Lonoff morreu em 1961 com uma doença da medula óssea; e quando Oswald matou Kennedy e o baluarte dos princípios deu lugar à gargantuesca república das bananas, a sua obra de ficção, e a autoridade que esta conferia a tudo quanto a vida tem

de proibitivo, começou rapidamente a perder «relevância» para uma nova geração de leitores). Em vez de lhe dar ânimo, o prestígio parecia reforçar em Lonoff as fantasias mais negras, confirmando as visões de reserva extrema que talvez não tivessem parecido suficientemente corroboradas pela experiência pessoal se o mundo lhe tivesse recusado até ao fim as compensações que lhe concedeu. Só quando lhe coube uma pequena parte do ambicionado maná sem ter de o pedir – só quando se tornou absolutamente claro que não era de todo a pessoa indicada para ter e conservar outra coisa que não fosse a sua arte – é que Lonoff teve a inspiração de escrever esse brilhante ciclo de parábolas cómicas (os contos «Vingança», «Piolhos», «Indiana», «Eppes Essen» e «Publicitário»), em que o herói deslumbrado não toma *nenhum* tipo de iniciativa – em que o mínimo impulso em direção à amplitude ou à rendição, para não falar da intriga ou da aventura, é perentoriamente reprimido pelo triunvirato reinante da Razão, Responsabilidade e Amor-Próprio, pressurosamente acolitados pelos seus devotos sequazes: o horário, a tempestade, a dor de cabeça, o sinal de ocupado, o engarrafamento de trânsito e, o mais fiel de todos, a dúvida de última hora.

Vendia outras revistas além da *Photoplay* e da *Silver Screen*? Tinha o mesmo discurso a todas as portas ou ajustava os meus argumentos de venda ao cliente? Que explicação tinha para o meu êxito como vendedor? Que pensava eu que procuravam as pessoas que assinavam estas insípidas revistas?

O trabalho era enfadonho? Alguma vez aconteceu alguma coisa inesperada enquanto calcorreava bairros sobre os quais nada sabia? Quantas equipas como a do Sr. McElroy havia em Nova Jérсия? Como conseguia a empresa pagar-me três dólares por cada assinatura que vendia? Alguma vez tinha estado em Hackensack? Como era?

Custava a crer que aquilo que fazia com o único objetivo de me sustentar até poder começar a viver como E. I. Lonoff tivesse algum interesse para ele. Era, evidentemente, um homem delicado, e estava a fazer todos os possíveis para me pôr à vontade, mas eu pensava, enquanto me submetia ao interrogatório, que ele não tardaria a encontrar uma forma de se ver livre de mim antes do jantar.

«Quem me dera saber tanto sobre a venda de revistas», disse.

Em sinal de que não me importava de ser tratado com sobrançeria e compreendia se ele me mandasse embora rapidamente, corei.

«Quem me dera», disse ele, «saber tanto sobre qualquer assunto. Há trinta anos que escrevo com base na imaginação. Não me acontece nada.»

Foi nesta altura que apareceu diante de mim a deslumbrante mulher-criança – precisamente quando ele acabava de expressar, em tons de amargura tenuemente perceptíveis, este incrível lamento, e eu estava a tentar interpretá-lo. Não lhe acontecia nada? Ora essa, tinha-lhe acontecido o génio, tinha-lhe acontecido a arte, o homem era um visionário!

A esposa de Lonoff, a mulher de cabelos brancos que imediatamente se havia retirado depois de me ter mandado

entrar, tinha empurrado a porta do escritório, que ficava mesmo em frente da sala de estar, e ali estava ela, de cabeleira negra e abundante, olhos claros – cinzentos ou verdes – e testa alta, oval e saliente, a fazer lembrar a de Shakespeare. Estava sentada na carpete, no meio de uma pilha de papéis e pastas de arquivo, envolta numa saia de *tweed* «New Look» – agora um estilo antiquado e fora de moda em Manhattan – e uma camisola de lã branca que lhe ficava grande; tinha as pernas timidamente recolhidas debaixo da saia e o olhar fixo em qualquer coisa que claramente não estava ali. Onde é que eu já tinha visto aquela beleza séria e morena? Onde, senão num quadro de Velásquez? Lembrei-me da fotografia de Lonoff tirada em 1927 – também ela, à sua maneira, «espanhola» – e imediatamente presumi que fosse a filha. Imediatamente presumi mais do que isso. Ainda mal a Sr.<sup>a</sup> Lonoff tinha pousado a bandeja na carpete ao pé da rapariga e já eu me via casado com a *infanta* e a viver numa casinha rural só nossa, ali perto. Mas, nesse caso, que idade teria ela para a mamã estar a dar-lhe bolachinhas enquanto fazia os trabalhos de casa no chão do papá? Com aquele rosto, cuja forte ossatura me dava a ideia de ter sido trabalhado por um escultor menos ingénuo do que a natureza – com aquele rosto *tinha de* ter mais de doze anos. Mas, se não tivesse, eu podia esperar. A ideia seduzia-me ainda mais do que a perspectiva de um casamento ali mesmo, naquela sala de espera, na primavera. Demonstrava força de carácter, pensei. Mas que pensaria o pai famoso? Como é óbvio, não seria necessário recordar-lhe o sólido precedente do Antigo Testamento, de esperar sete anos para fazer de Miss Lonoff

minha noiva; por outro lado, como reagiria quando visse o meu carro a rondar a entrada do liceu da filha?

Enquanto isto, ele estava a dizer-me: «Dou voltas às frases. A minha vida é isso. Escrevo uma frase e dou-lhe uma volta. Depois olho para ela e dou-lhe mais uma volta. Depois vou almoçar. Depois volto e escrevo mais uma frase. Depois tomo o chá e dou uma volta à nova frase. Depois leio e releio as duas frases e dou-lhes uma volta. Depois deito-me no sofá a pensar. Depois levanto-me e atiro-as fora e volto ao princípio. E, se descanso desta rotina durante um dia que seja, fico louco de tédio e a achar que foi um desperdício. Aos domingos tomo o pequeno-almoço tarde e leio os jornais com a Hope. Depois vamos dar um passeio pelos montes, e fico obcecado com a perda de todo aquele tempo precioso. Acordo aos domingos de manhã e quase enlouqueço perante a perspectiva de todas aquelas horas desperdiçadas. Fico inquieto, de mau humor, mas, sabe, ela também é um ser humano e por isso vou. Para evitar problemas obriga-me a deixar o relógio em casa. O resultado é que olho para o pulso, na falta do relógio. Vamos a caminhar, ela vai a falar, e então eu olho para o pulso – e geralmente isso produz efeito, se o meu mau humor já não o produziu antes disso. Ela atira a toalha ao chão e voltamos para casa. E em casa o que é que distingue o domingo da quinta-feira? Volto a sentar-me diante da pequena Olivetti e ponho-me a olhar para as frases e a dar-lhes voltas. E pergunto a mim mesmo: porque é que só tenho esta forma de preencher as minhas horas?»

Entretanto, Hope Lonoff tinha fechado a porta do escritório e voltado às suas ocupações. Juntos, Lonoff e